

Diálogo com FMI será em julho

MOISÉS RABINOVICI
Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, anunciou ontem que o País começará a negociar com o Fundo Monetário Internacional (FMI) a partir de 11 de julho, quando encerrar o trabalho de convencimento dos bancos credores sobre o acordo para os juros atrasados da dívida. E confirmou revelação feita pelo secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, de que o País agora estará aberto à conversão da dívida em programas de proteção à natureza.

Marcílio explicou que a abertura das conversões foi determinada no voo de Brasília para Washington. Mas, sob a condição de que sejam doação, e não

operação para obter desconto na recompra da dívida. E também que se destinem à criação de patrimônio, e não ao pagamento de despesas correntes.

O trabalho de convencimento dos 600 bancos credores sobre o acordo dos atrasados, segundo Marcílio, começará no dia 1º de julho, em Tóquio. "Lembramos ao diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, que tão logo retornemos ao Brasil, na semana que vem, proporemos um cronograma de visitas do FMI", disse. "Isso não pode ocorrer antes de 11 de julho, deve ocorrer entre 11 e 29 de julho."

Marcílio acha que a visita do presidente Fernando Collor a Washington aprofundou o relacionamento entre os dois chefes de Estado. Para ele, foi percorrida toda a agenda bilateral do

Brasil e dos Estados Unidos nos campos político, comercial, financeiro, de transferência de tecnologia, meio ambiente, direitos humanos e proteção às comunidades indígenas. De acordo com o ministro, Collor agora "pode pegar o telefone e chamar o presidente Bush a qualquer momento".

Um rumor de que o Brasil estaria mudando a estratégia para o repagamento da dívida foi desmentido por Marcílio. "Estamos dizendo que temos graves limitações fiscais e cambiais", explicou. "Não podemos pagar mais do que seria prudente." Segundo ele, no entanto, o País pode reverter em seu benefício o fluxo de pagamentos. "Temos mais do que qualquer país a capacidade de atrair investimentos", afirmou.